



## Estudantes Negros Cotistas e suas Experiências na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

### *Black Quota Students and Their Experiences at the State University of Rio de Janeiro (UERJ)*

**Laudecir da Silva**

*Estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade / PUC-SP; Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social / PUC-SP; Formado em Filosofia, Pedagogia e História; Professor de Filosofia, Sociologia, História, Oratória, Liderança, na rede pública estadual de São Paulo.*

**Resumo:** Este estudo traz alguns relatos e reflexões sobre as experiências dos estudantes negros cotistas que ingressaram na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, a partir do ano de 2003, em que a referida universidade adotou as cotas raciais como medida de política pública no processo seletivo dos candidatos. Nos anos que antecederam a adoção dessa medida, a sociedade brasileira acompanhou diversas discussões, nas esferas políticas, judiciárias, acadêmicas e veículos diversos de comunicação. Os movimentos negros, politicamente organizados, seus líderes, propiciaram um intenso debate, discussões, reflexões e análises reclamando as injustiças historicamente sofridas: preconceito racial, racismo; exclusão social: econômica, política, religiosa, educacional etc. Timidamente, algumas universidades brasileiras foram se convencendo a adotarem a política de cotas raciais para negros.

**Palavras-chave:** cotas raciais; política de cotas; universidade.

**Abstract:** This study presents a series of accounts and reflections on the experiences of Black quota students who entered the State University of Rio de Janeiro (UERJ) beginning in 2003, the year the university implemented racial quotas as a public policy measure in its admissions process. In the years preceding the adoption of this measure, Brazilian society witnessed extensive debates across political, judicial, academic, and media spheres. Politically organized Black movements and their leaders promoted intense discussions, reflections, and analyses, denouncing the historical injustices suffered—racial prejudice, racism, and social exclusion in various dimensions: economic, political, religious, educational, among others. Gradually, some Brazilian universities began to adopt racial quota policies for Black students.

**Keywords:** racial quotas; quota policy; university.

## INTRODUÇÃO

*Relevância do Movimento Negro*

*No Brasil a cidadania não se completou, de maneira que o meu corpo aparece com uma diferença central.*

*Milton Santos<sup>1</sup>*

---

*1 Milton Almeida dos Santos nasceu em Brotas de Macaúbas/BA, no dia três de maio de 1926. Filho de pais professores, já aos treze anos de idade chegou a ensinar matemática no ginásio em que estudava, o Instituto Baiano de Ensino. Aos quinze, passou a lecionar Geografia e aos dezoito prestou vestibular para Direito na Universidade Federal da Bahia,*

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, após um longo período de debates e pressão por parte dos Movimentos Negros quanto à necessidade da adoção de políticas de ações afirmativas para a população negra, implantou no ano de dois mil e três a política de cotas raciais para estudantes negros como medida de acesso aos cursos por ela oferecidos. Essa iniciativa adotada pela universidade provocou mudanças radicais em seu cotidiano, pois passou a lidar com um grupo de estudantes fora do padrão socioeconômico a que estava habituada. Foi um desafio para a universidade como também para os estudantes negros que passaram a usufruir daquele espaço, tendo que aprender e familiarizar-se com novos códigos sociais, acadêmicos, enfrentar dificuldades diversas: o preconceito racial, o racismo, falta de recursos econômicos e permanecer na universidade (Barros, 2009).

A mobilização dos Movimentos Negros tem desempenhado, historicamente, importante papel no processo de transformação social à medida que busca o reconhecimento dos indivíduos enquanto sujeitos de direitos, pois após a abolição da escravidão brasileira, em 13 de maio de 1888, poucas ações foram adotadas pelo Estado Brasileiro e as instituições privadas no sentido de promoção da igualdade e justiça social em relação aos afrodescendentes, permanecendo os mesmos na condição de abandono, exclusão, inferioridade, como seres de segunda classe (Schwarcz, 1993).

Diante dessa realidade, a militância dos Movimentos Negros ganha destaque na reivindicação pelas cotas raciais na UERJ. Dois deles, Educafro e Pré Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), estavam articulados na exigência da democratização do acesso aos estudantes negros na universidade.

Este artigo conta com contribuições teóricas de intelectuais referências no estudo do tema cotas raciais na universidade para a população negra e que tiveram atuação relevante na luta política, como por exemplo, Abdias Nascimento<sup>2</sup>, com o Projeto de Lei nº 1.332, de 1983.

As cotas “foram pensadas e conquistadas pela mobilização coletiva de atores sociais organizados fora da universidade” (Valentim, 2012 p. 91), os grupos supracitados e “parcela do movimento negro do estado do Rio de Janeiro, em articulação com os Poderes Executivo e Legislativo do Estado” (idem), culminou numa sequência de Projeto de Lei (PL), Leis e Decretos, conforme segue: PL nº 1653, de 30 de junho de 2000; Leis Estaduais nº 3.524, de 28 de dezembro de 2000 e nº 3.708, de 9 de novembro de 2001; posteriormente o Decreto Estadual nº 31.468/2002; e Decreto nº 30.766, de 4 de março de 2002; Lei nº 4061, de 02 de janeiro de 2003; Lei nº 4.151, de 4 de setembro de 2003; Lei nº 5346, de 11 de dezembro de 2008. A política de cotas para negros na universidade se deu

---

*em Salvador. Milton Santos morreu em São Paulo no dia 24 de junho de 2001, aos 75 anos. 2 Documentário Abdias: “Raça e luta”, direção de Maria Maia, resgata a trajetória de Abdias Nascimento - Professor, artista plástico, escritor, teatrólogo, político, poeta, pioneiro do movimento negro no Brasil. Em 1944, cria o Teatro Experimental do Negro (TEN), que tinha o objetivo de romper com uma produção artística brasileira pautada numa concepção eurocêntrica, em que os negros eram impedidos de atuarem como atores. No programa Espelho, ao ser entrevistado por Lázaro Ramos, afirma que nenhum dos seus títulos tem maior importância do que o de militante das causas dos negros, “é isso que me move”.*

numa trajetória histórica de luta por direitos, humanidade, historicamente negada aos negros<sup>3</sup>. Essa luta se deu nas primeiras universidades públicas a adotarem a medida de Ação Afirmativa, cotas, para estudantes negros, UERJ e UnB, como também na Universidade de São Paulo (USP/SP), depois de muita resistência. Rodrigues (2023), mostra de maneira exemplar esse processo nesta universidade, de um lado, e do outro a pressão e resistência do Movimento Negro.

As entrevistas realizadas com os estudantes negros cotistas da UERJ que se dispuseram a falar de suas experiências constituem o cerne desse texto. Assim, busquei amparo no embasamento teórico da História Cultural<sup>4</sup>, da História Oral (Pesavento, 2008).

A condição fundamental apresentada aos interessados em colaborar com este trabalho foi a de ser estudante cotista negro da UERJ. Se dispuseram os estudantes Élbio, Vera, Douglas, Denises, Eleomar, Jhonatas, João, Rodrigo, Siro e Bruno, que acessaram a UERJ em diferentes momentos e encontraram realidades e demandas distintas no que diz respeito à ajuda de custo/bolsa, refeitório/bandejão, auxílio transporte, direito a livros etc.

Dentre os muitos aspectos relatados pelos estudantes que chamaram a atenção, a disparidade de idade entre eles foi o primeiro. Jonathas ingressou na UERJ aos 17 anos de idade; Vera, aos 51 anos. Chamo à atenção desse dado a fim de ressaltar as peculiaridades que aparecerão nos relatos, considerando a experiência de vida de cada depoente, revelando uma percepção de mundo, da realidade, que ora são harmônicas, em relação aos questionamentos sugeridos, e em outros momentos essas percepções são distintas. Outro aspecto relevante foi a localização geográfica de suas residências, distantes da universidade, que entre outras implicações, resulta num longo tempo de locomoção (em torno de 1h30min), em custo financeiro, questões que, atreladas aos compromissos particulares, profissionais, domésticos etc., refletem negativamente na dinâmica de suas vidas, muito cansaço físico, um exercício cotidiano de resiliência para conseguirem corresponder às exigências de seus cursos.

Como já se podem notar, o acesso à universidade através das cotas foi só o primeiro passo do desafio. Enfrentarão muitos outros obstáculos. Não é sem razão que o intelectual negro brasileiro, professor e doutor Milton Santos, ao ser interrogado por um repórter sobre seu posicionamento a respeito das cotas, foi enfático:

---

*3 Esses projetos e decretos têm passado por alterações no sentido de aperfeiçoar o sistema de cotas para ingresso dos candidatos na universidade, buscando democratizar o acesso dos alunos oriundos da escola pública, negros, indígenas, filhos de militares, na UERJ.*

*4 História Cultural diz respeito a essa transição, do séc. XIX para o XX, em que um outro olhar sobre a História e uma nova forma de contá-la se solidifica. Aspectos centrais nessa corrente historiográfica: polissemia do conceito de cultura, todos os acontecimentos têm legitimidade cultural, compreensão interdisciplinar. Algumas referências no assunto: Walter Benjamin, Edward Palmer Thompson, Roger Chartier, José D'Assunção Barros, Sandra Jathay Pesavento.*

No Brasil a cidadania não se completou, de maneira que o meu corpo aparece com uma diferença central... O negro é tratado como alguém inferior na sociedade brasileira, e mais do que isso, não há notícia clara de que a sociedade brasileira deseje mudar essa situação. As Cotas devem ser tratadas da seguinte forma: o que é que o Brasil deseja fazer com os seus negros? Quer que eles continuem assim ou quer que eles participem de maneira igualitária da vida nacional? Cotas é a solução. Eu não posso discutir a solução sem antes discutir a problemática (Milton Santos, 1993).

O reconhecimento unânime da constitucionalidade das cotas raciais pelo Supremo Tribunal Federal (STF), Lei nº 12.711/agosto de 2012<sup>5</sup> foi, a curto, médio e longo prazo, uma tentativa de resposta mais efetiva à pergunta retórica que Santos fez ao jornalista: “o que é que o Brasil deseja fazer com os seus negros?”

Estudos dos autores Antonio Carlos Malachias, Isabel Aparecida dos Santos, Lucimar Rosa Dias, Maria Aparecida Bento, Marly Silveira, Myriam Chinalli e Raquel de Oliveira (2010)<sup>6</sup>, focados no projeto oportunidades Iguais para todos mostram que é pelo corpo que fenótipos são transformados em juízos de valor, podem ser sobrevalorizados (quando brancos) e subvalorizados quando negros. Dialogando ainda com essa ideia, Maria da Conceição dos Reis (2013), alicerçada em Norbert Elias, afirma que “é através das teias de interdependência que os indivíduos aprendem e consolidam suas concepções sobre moral, sobre si mesmos e sobre os outros” (Reis, 2013, p.49)

A Professora e Doutora Maria Antonieta Antonacci (2014), citando Hampâté Bâ, sugere pensarmos no corpo como arquivo vivo. Para além das dimensões da legalidade das cotas, importa pensar no que esses corpos tantas vezes silenciados na trama das relações sociais têm a dizer. O estudante Siro relata:

Meu pai era analfabeto, meu avô era analfabeto, minha mãe tinha só a 4ª série primária. Então, assim, você não tem aquela coisa de faculdade, faculdade, faculdade é pra elite, pra quem tá lá em cima, porque você milita, você vê a realidade do dia a dia. Então, você sabe que por mais que você milita, algumas barreiras ainda existem, e a universidade é uma delas. Quem abriu as portas da UERJ pra essa população? Eu acho que foi a própria população que exigiu que ela abrisse. Os movimentos, Movimento Universidade para Todos, Fórum de Defesa da Educação Pública, Movimento Negro, Movimento Negro Raça e Classe e Quilombo (Siro).

## Memórias: Escola, Abandono e Violência

Para os estudantes Eleomar, Denise, Siro, Vera – houve um longo período em que os estudos foram interrompidos desde o término do ensino médio, de dez a

*5 O STF reconhece por unanimidade a constitucionalidade das Cotas Raciais.*

*6 Trabalho publicado pelo CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. 2010.*

trinta anos. Parte significativa dos alunos negros cotistas ingressam na universidade mais tarde que a maioria dos estudantes. “As mudanças econômicas observadas nos últimos anos não alteraram substancialmente a situação do elemento de cor na organização econômica” (Bastide; Fernandes, 2008, p. 78).

Boa parte dos estudantes da escola pública assimila a ideia de que não entrará em uma universidade pública. É como se este espaço não lhes pertencesse. Corroborando com esse raciocínio, um artigo intitulado “A grande massa de estudantes que concluem o ensino médio em escolas públicas não considera o ingresso em universidades públicas”, do jornalista Elton Alisson, sobre os mecanismos de exclusão dos alunos oriundos das escolas públicas, da classe social menos favorecida, chama atenção ao citar dados do pesquisador Marcelo Knobel, professor do Instituto de Física Gleb Wataghin da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que afirma:

(...) dos quase 500 mil jovens que concluem o ensino médio anualmente no Estado de São Paulo, aproximadamente 85% estudaram em escolas públicas e 15% em instituições privadas. Já do total de estudantes que prestam o vestibular para as principais universidades públicas do país a situação se inverte: na Unicamp, por exemplo, aproximadamente 70% são egressos de escolas privadas 30% de instituições públicas<sup>7</sup> (Gleb Wataghin).

Para além da violência desses dados, está a violência física como parte cotidiana da vida escolar. Os estudantes entrevistados dão conta dessa realidade. Na percepção de Eleomar isso só se dá devido ao fato de que são escolas localizadas nos “guetos”, ignoradas e/ou invisibilizadas pelo poder público e pela mídia.

Olha a diferença de como a visibilidade da violência é diferente do Rio de Janeiro pros guetos, pras baixadas, pros cantões, pras margens. Sem querer também medir tragédia, medir sofrimento, mas mataram vinte e uma pessoas em Vigário Geral, isso repercutiu no mundo todo (... ) (Eleomar).

Milton Santos (1993) em sua obra *O espaço do cidadão*, no capítulo intitulado “Território e cidadania”, afirma que “o valor do indivíduo depende, em larga escala, do lugar onde está...serviços essenciais, públicos e até privados” (Santos, 1993, p. 111), acabam por ser inviabilizados a estes grupos de pessoas, caracterizadas como seres de menor valor social.

O estudante João lembrou que muitos de seus amigos do ensino médio abandonaram a escola. “Eu sei que a maioria parou de estudar e começou a trabalhar, a fazer pequenos bicos, em subempregos.” O relato de João entrelaça-se com o depoimento de Élbio, Jhonatas, Eleomar, Siro, ao destacar a relação dos jovens oriundos das camadas populares versus trabalho versus estudo.

---

<sup>7</sup> A dicotomia escola privada versus pública resulta em diferentes modalidades de ensino, resultando na desigualdade em relação ao ensino-aprendizagem que se oferece aos estudantes.

Siro relembra “pra chegar aqui nesse lugar (UERJ) foi difícil, eu que sei”. Ante a indagação sobre a perspectiva de cursar o ensino superior, relatou que sempre viu essa possibilidade como algo remoto. “Eu vou te confessar um negócio aqui: eu vim fazer a inscrição e achava que eles estavam enganados, eles iam descobrir que não era eu, eu não era o cara”.

Para o estudante Bruno Alves, as agruras do cotidiano não foram empecilhos para impedi-lo de sonhar com o ensino superior. “A minha família foi fundamental pra que eu chegasse aqui dentro da UERJ.” Reconheceu também que seu envolvimento com a música, especificamente com o Rap, o grupo Racionais MC’s, foi fundamental no sentido de abrir horizontes, perspectivas, tomada de consciência, se perceber no mundo, sua identidade, seu posicionamento político.

## Discursos de Negação às Cotas e suas Consequências

O estudo de Czigler (2011)<sup>8</sup>, tendo como objeto o Estatuto da Igualdade Racial na forma de Projeto de Lei (PL), e em seguida, como Lei Aprovada, corrobora para com uma melhor compreensão acerca da produção de discurso negativos em relação às cotas. A partir de Michel Pêcheux, criador do método Análise de Discurso, Czigler informa que este método sugere que “a língua materializa sentidos ao entrar em contato com diferentes ideologias.” (Czigler, 2011, p. 17). O discurso negativo em relação às cotas raciais produziu sentidos nocivos para os estudantes (Chauí, 2007).

Élbio, aluno da primeira turma de cotista da UERJ, em 2003, se posiciona a respeito do discurso de negação às cotas, seus argumentos são pertinentes, bem como, o sentimento que carrega em relação a essa experiência:

Eu me sinto meio que esse soldado que vem abrindo o flanco pra quem vem atrás, sabe. As minhas sobrinhas, a minha filha, entende? Que não tenham que sofrerem críticas como as que estavam no debate social da minha época, né, de que iria diminuir a qualidade do ensino universitário, que o estudante cotista é menos capaz (Élbio).

O discurso pejorativo produzido sobre as cotas e os alunos cotistas trouxe para Élbio uma experiência de sofrimento. Sawaia (2010), sobre os reflexos da linguagem, pautada em Vygotsky, “ênfatisa que o cérebro reage às ligações semânticas e não apenas as neurológicas” (Sawaia, 2010, p. 105). Corroborando com essa linha de raciocínio, Munanga<sup>9</sup>, também afirma: “O discurso é também um dispositivo de dominação, é ele que legitima a situação do ‘outro’, o nomeia. Não basta força militar, é preciso que o poder seja legitimado pelo discurso” (Munanga, 2024).

*8 A dicotomia escola privada versus pública resulta em diferentes modalidades de ensino, resultando na desigualdade em relação ao ensino-aprendizagem que se oferece aos estudantes. Ao “privilegiar o discurso como objeto de análise e a entrada na produção de sentidos permitiu relacioná-lo com a exterioridade social conflituosa e polêmica, sobretudo no que se refere às cotas” (CZIGLER, 2011).*

*9 Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês, USP/SP, intelectual que muito tem contribuído na luta contra o preconceito racial e o racismo no Brasil.*

Outro entrevistado, Douglas, por ocasião do vestibular para ingressar na UERJ, em 2010, era contrário à política de cotas. Ainda assim inscreveu-se como candidato a aluno cotista por ter consciência de que a possibilidade de ser aprovado na concorrência tradicional do vestibular seria menor. “Com uma nota que de repente você não entraria, se a classificação for pelas cotas você entra.” Douglas reconhece que sua postura contrária às cotas na ocasião era por ausência de conhecimento, de consciência histórica, crítica, social e política, “sempre fui favorável às cotas para alunos da escola pública; raciais achava que era preconceito. Depois estudei e entendi que é preciso tratar as desigualdades nas diferenças.”

O estudante Bruno assim se expressou em relação ao espaço da universidade: “acredito que seja necessário o sistema de cotas no sentido de romper com essa segregação dentro da própria universidade”. Desejava e sonhava com o dia em que esse espaço, inclusive o corpo docente, estivesse proporcionalmente representado e que esses professores pudessem “trazer um discurso novo, comprometido com a descolonização do saber, condizente com a realidade de 60% (sessenta por cento) da população do País”. Bruno vinha batalhando nesse sentido dentro da UERJ, com a criação de um grupo de estudo, “O lado negro da força”, que começaram com o livro “Pele Negra, Máscaras Brancas”, de Frantz Fanon (2020).

A estudante Denises também disse que teve que lidar com o discurso negativo em relação às cotas. Conviveu com a ideia de que não tinha capacidade para estar na UERJ. Afirma que as dificuldades em sua trajetória acadêmica foram muitas. Nunca teve o conforto de dispor de tempo integral para estudar, a família não contava com condições financeiras que lhe amparasse nesse sentido. Daí o fato de que “a maior dificuldade do aluno cotista é permanecer dentro da UERJ porque geralmente ele vem de uma renda per capita baixa, ele é trabalhador, precisa de bolsa pra sobreviver”.

Os Movimentos Negros, politicamente organizados, desde suas origens vêm atuando no sentido de criar espaços de visibilidade aos negros, desconstruindo, reconstruindo, ressignificando o discurso negativo, a imagem pejorativa, preconceituosa, sedimentada nas consciências, “ninguém nasce com preconceitos: eles são apreendidos socialmente, no convívio com outras pessoas” (Munanga e Gomes, 2006, p. 182).

Élbio ao ser perguntado sobre o sentir-se ou não menos preparado nos anos iniciais na universidade, explica que esse sentimento dizia respeito às condições estruturais mais amplas:

(...) passa muito por quem tem dinheiro e quem não tem, entende?, quem tem dinheiro pra só estudar, pagar um almoço caro, comprar o livro, pagar a passagem, fazer um lanche, fazer um lazer saudável porque o lazer também faz parte de um ensino-aprendizagem de qualidade! (Élbio).

Segundo Élbio, a questão financeira em relação à vida do candidato ingressante na universidade é o principal debate que deve ser feito, e, que embora esteja relacionado à questão étnica, a seu ver é mais problemática.

O estudante Jonatas, ao considerar a atitude dos professores em relação aos estudantes não cotistas versus alunos negros cotistas, afirma: “Eu não observo nenhuma diferença de tratamento”. Em seguida fez uma pausa, pensativo, como se a fala tivesse causado certo estranhamento; observa que praticamente não teve professor negro durante o tempo que estava na UERJ, e assim complementou o raciocínio: “Eu estou no sétimo período. Tive professor moreno né, meio moreno. Não temos muitos professores negros aqui”. Enfatizou que via na UERJ um espaço onde a convivência entre as pessoas de origem étnicas diversas era exercitada e assimilada, a partir da experiência das cotas, de forma que essa prática já fazia parte da dinâmica da universidade.

Surgiram percepções divergentes quanto ao suposto tratamento igualitário por parte dos professores, entre alunos negros cotistas e não cotistas na UERJ. Élbio, por exemplo, disse:

Eu sempre vivi num ambiente de brancos. E você ter muito ethos do negro no ambiente de branco você fecha portas. Você ter muito autoafirmação em ambientes como esse você é segregado, mesmo porque você é tido como chato, as pessoas fazem até cara de nojo, eu vejo isso. Esses professores não estão acostumados a lidar com pobres (Élbio).

Estabelecendo um paralelo com essa percepção, o ex-presidente do Supremo Tribunal (STF), Joaquim Barbosa<sup>10</sup>, disse: “a evocação da minha condição de negro tem hora que enche o saco”. Segundo ele, há vários negros com um percurso de vida pessoal e profissional semelhante ao seu, apenas não tiveram a visibilidade da posição ocupada por ele. A questão da “evocação negra”, nas palavras de Barbosa, ou do “ethos negro”, nas palavras de Élbio, são desafios difíceis de serem assumidos, requerem um constante exercício de paciência, tolerância, disposição e capacidade de administrar conflitos, de ser desejado e indesejado em muitos momentos.

O estudante Eleomar também falou da ausência de professores negros como um problema. Aliás, problema já apontado pelo movimento negro sobre a importância da representação e as consequências negativas quanto a ausência dela! As representações construídas pelos estudantes negros cotistas acerca do espaço acadêmico têm suas peculiaridades, e, portanto, o sentido atribuído às suas experiências, a forma como percebem o mundo, também.

## **Códigos Sociais Universitários antes e Depois das Cotas Raciais**

Na universidade predomina uma gama de códigos sociais que não são familiares aos alunos oriundos das camadas mais pobres da sociedade. Estes

*10 Joaquim Barbosa, no Programa Espelho, ao ser entrevistado pelo ator Lázaro Ramos, discorre sobre a questão de ser referência como o primeiro negro a ocupar o cargo de Presidente do Supremo Tribunal Federal, bem como, do estudo realizado por ele sobre Ações Afirmativas nos Estados Unidos, considerando as condições injustas do negro no Brasil. Afirma que acreditava que essa questão chegaria ao STF, mas que ficou surpreso com a decisão tomada pelo STF brasileiro em relação à Lei das Cotas. Em abril de 2012, o STF decidiu por unanimidade que o sistema de cotas raciais em universidades é constitucional.*

chegam à universidade com novos códigos, exigindo dos diversos atores que compõem o corpo da universidade revisão de valores, hábitos e práticas.

O estudante Siro relatou que as pessoas parecem se tornar mais frias, insensíveis uns aos outros na universidade, “o maior medo que eu tenho é de ficar cinzento igual essas paredes (aponta para as paredes do prédio da UERJ), ficar frio. Porque isso aqui muda as pessoas.” Acrescentou ainda que “a universidade é uma realidade distante do povo. O meu povo não está aqui. E quem está tem medo de dizer que é, se esconde, os cotistas se escondem.” Disse ainda que todos os dias de sua ida à UERJ é tomado por uma série de questionamentos, inseguranças, por não se sentir no domínio dos códigos sociais que ali predominam, e que são distintos daqueles que aprendeu como valores ao longo da vida:

Você acha que quando eu venho pra cá eu não olho três vezes a roupa que eu estou vestindo? Pra chegar aqui? Você acha que é fácil entrar aqui dentro? Você acha que é fácil pra um cara que sempre trabalhou com obras estar aqui dentro? Tem que aprender outros códigos, outros signos, e tem que começar a decifrar isso e impor-se todo dia pra ser respeitado, você acha que isso é fácil? Todo dia quando eu desço do trem (Estação Maracanã, próxima da UERJ) ali e olho esse prédio aqui eu me assusto, eu olho, e eu vou ter que ir pra lá, eu vou ter que entrar ali, no meio daquele montão de gente. Eu venho de um lugar em que as pessoas, no meio da roça, se cumprimentam (risadas). Aí você vem pra um lugar desse (Siro).

A entrada dos estudantes negros cotistas na UERJ, está quase sempre relacionada a uma dimensão ampla da vida, preocupação com a família, a comunidade.

João assumiu compromissos que considerava estrategicamente importantes dentro da UERJ, membro do Diretório Acadêmico e do Movimento Estudantil. Esses compromissos lhes davam a oportunidade de observação e análises a respeito do que via e ouvia dentro da universidade, pois algumas reclamações e reivindicações por parte dos estudantes, de forma oficializada, acabavam chegando até ele durante as reuniões ou de alunos que o procuravam particularmente, “a gente ouviu relatos de professores que fazem comentários na sala de aula sobre o estudante cotista, que já sabem quem são os alunos cotistas pelas perguntas que fazem.” Os estudantes negros cotistas e não cotistas, de acordo com João, vivenciavam o problema de serem aceitos dentro da UERJ.

A estudante Vera relata que o que ficou marcado em sua memória, foi a ênfase dada por alguns professores da UERJ ao fato da mudança no perfil dos alunos, ou mais especificamente, no colorido, “existem professores que ficam emocionados quando entram numa turma mista, falam assim: “estou aqui há vinte e cinco anos e nunca vi uma sala tão colorida”, assim o fez o Ministro Luís Roberto Barroso<sup>11</sup>, “em 1998, eu dei a aula inaugural da universidade, falando para uma plateia de professores e de alunos em que quase cem por cento eram brancos.”

*11 Luís Roberto Barroso é Ministro do Supremo Tribunal Federal, professor titular de Direito Constitucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).*

Denises frisou a importante mudança que a experiência de estar concluindo um curso de nível superior na UERJ lhe trouxe: “muda você como um todo, muda a sua perspectiva de vida, seu pensar em relação a tudo”.

Num tom nostálgico, Eleomar reconheceu a mudança em sua vida que estar na UERJ lhe proporcionou. Explicou que a questão principal se deu em relação à “sensação de valorização” que passou a sentir depois que começou a estudar nessa universidade. “Eu digo isso com tristeza, porque não deveria ser assim, mas é um passe pra você entrar de vez na sociedade. É um passe que legitima seu valor.” Como estudante de Ciências Sociais, o respeito à sua fala, às suas reflexões, tem para a sociedade um peso diferenciado. “Metade dessas coisas que eu estou te dizendo aqui, se eu te digo como secundarista eu seria um favelado revoltado”. Na esteira desse relato, Bruno avaliou que a experiência de aluno negro cotista lhe proporcionou um olhar filosófico ante a complexidade da dinâmica social, possibilitando ver e fazer indagações sobre a realidade que se apresenta e da qual faz parte, bem como, se posicionar e se comprometer com a mudança. Em suas palavras: “é preciso desnaturalizar o que foi culturalmente naturalizado”, referindo-se ao empobrecimento das pessoas, a exclusão social, acadêmica, racial, sexual etc. Sodré (2015), ao problematizar a questão racial brasileira, diz: “A cor clara é, desde o nascimento, uma vantagem patrimonial” (Sodré, 2015, p. 314). Assim, compreende-se e perpetua-se uma prática racista mantenedora dos privilégios da “branquitude”<sup>12</sup> (Bento, 2022).

Para o estudante Douglas, a relevância de um curso de nível superior na UERJ, está sintetizada na frase “para mim foi um divisor de águas”, tendo passado por uma espécie de metamorfose durante os quatro anos de estudo de Serviço Social. “Não é a mesma pessoa de antes que vai sair daqui”. Destacou que para além da certificação profissional, o mais importante foi a mudança na maneira de ver e pensar a realidade na qual estava inserido.

Nessa mesma perspectiva, a estudante Vera ressaltou a transformação interior ocorrida com ela: “Mudou minha visão da vida, deixar de criticar a pessoa e olhar a totalidade que leva àquela situação”. Trata-se de “uma visão diferente, mais crítica do mundo, que não fique só na aparência dos fatos e das pessoas.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A urdidura das narrativas desse texto evidenciou aspectos das experiências dos estudantes negros cotistas da UERJ, que são aqui retomados em caráter conclusivo: rompimento com o histórico familiar de exclusão do ensino superior público; reconhecimento material e simbólica da importância em estudar numa universidade pública de visibilidade social; reconhecimento da UERJ como espaço de construção de rede de relações interpessoais significativamente importantes para suas vidas; experiência profícua considerando a diversidade socioeconômica dos alunos; elevação da autoestima dos estudantes negros cotistas; mudança significativa

<sup>12</sup> Cida Bento, psicóloga, importante intelectual negra, autora do livro “O pacto da branquitude”.

na forma de ver e pensar o mundo e suas complexidades, desnaturalizando as desigualdades sociais e culturais; ressignificação da universidade pública, UERJ, como espaço da diversidade socioeconômica, étnico-racial; afirmação individual, familiar e comunitária a partir dos alunos negros cotistas; desconstrução de preconceitos. Em suma, um horizonte promissor se abriu para os alunos negros cotistas a partir de suas experiências na UERJ. A adoção das cotas para pessoas negras corroborou ainda com a ideia de que as mudanças na sociedade não ocorrem naturalmente. As transformações sociais se dão a partir de interesses e vontades políticas dos grupos que a constituem, numa correlação de forças muitas vezes conflitantes, posto que o poder hegemônico não mede esforços na tentativa de deslegitimar ações transformadoras da estrutura social. De forma resiliente, utópica, os alunos negros cotistas seguem abrindo caminhos, rompendo barreiras, conquistando espaços, carregando o bastão da esperança da cidadania plena.

## REFERÊNCIAS

- ALISSON, Eliton. **A grande massa de estudantes que concluem o ensino médio em escolas públicas não considera o ingresso em universidades públicas**. Ensino Superior Unicamp, Campinas/SP, 2014. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br>>. Acesso em: 05.04.2024.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2 ed. São Paulo: Educ., 2014.
- BARROS, Clarissa Fernandes Rêgo. **As ações afirmativas na UERJ: trajetórias sociais e perspectivas dos estudantes cotistas no desafio do acesso à universidade**. UERJ/RJ. 2009.
- BARROSO, Luiz Roberto. **Justiça racial: de que lado você está? Migalhas Eventos**. São Paulo, 2000. Disponível em: <[https://www.migalhas.com.br/depeso/177894/Justiça racial: de que lado você está?](https://www.migalhas.com.br/depeso/177894/Justiça_racial:_de_que_lado_você_está?)>. Acesso em 29.09.2025.
- BORGES, Marana. Entrevista com Prof. Kabengele Munanga: Nova legislação e política de cotas desencadeariam ascensão econômica e inclusão dos negros. Blog USP Online, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://mrquerino.blogspot.com/2010/01/entrevista-com-prof-kabengele-munanga.html>>. Acesso em 29.09.2025.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 4 ed. São Paulo: Global, 2008.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Psicologia do racismo**. Petrópolis: Vozes. 2002.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Dilma Rousseff. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 – Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.** Brasília/DF, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03ato2011-2014/2012/lei/12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03ato2011-2014/2012/lei/12711.htm). Acessado.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.** 12. Ed., São Paulo: Cortez, 2007.

CZIGLER, M. de Souza. **Estatuto da Igualdade Racial: da exclusão a uma nova contratualidade.** UEL/PR. 2011.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MAIA, Maria. **Documentário resgata trajetória de Abdias do Nascimento.** TV Senado, Brasília/DF, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYzhTqt2U>. Acesso em 03.06.2024.

JÚNIOR, Hédio Silva; BENTO, Maria Aparecida da Silva; SILVA, Mário Rogério. **Políticas públicas de promoção da igualdade racial / vários autores.** São Paulo, SP: CEERT, 2010.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

OLIVERIA, Rodrigues Oliveria. **Ensino Superior no Brasil: dificuldades no acesso e ensino público para poucos.** Revista ÍANDÉ Ciências e Humanidade, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/iande/article/view/17>. Acesso em 29.09.2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**, 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REIS, Maria da Conceição dos. **Educação, identidade e histórias de pessoas negras doutoras no Brasil.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

RODRIGUES, Josefa Neves. **Caminhos e descaminhos da meritocracia contra as políticas de ação afirmativa na Universidade de São Paulo.** São Paulo, Editora FiloCzar, 2023.o em 03.06.2024.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo. 2.ed. Nobel, 1993.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis, R.J: Vozes 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870/1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil.** 3. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.

VALENTIN, Daniela Frida Drelich. **Ex-alunos negros cotistas da UERJ: os desacreditados e o sucesso acadêmico.** Rio de Janeiro: Quartet: Faperj. 2012.